

RESENHA**CHEVITARESE, A. L. O espaço rural da Pólis Grega: o caso ateniense do período clássico. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros: Senai, 2001.**Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa¹

Este livro, do historiador e arqueólogo André Leonardo Chevitarese, traz significativas contribuições para a compreensão do espaço rural ateniense. Trata-se de um estudo preocupado em perceber como o espaço rural (*khóra*) foi ocupado, explorado e representado na Atenas clássica, priorizando a participação política da população rural ática na democracia. Para a compreensão da dinâmica democrática ateniense, é estabelecida uma relação com a organização rural, porque a terra era de posse exclusiva daqueles considerados cidadãos e seus proprietários desfrutavam de um importante *status*. O pesquisador atém-se a diversos aspectos relacionados a esse universo como a evidência topográfica, o clima, a fauna, as atividades agrícolas, os habitantes rurais e o tipo de mão de obra utilizada, bem como a integração desses indivíduos com o espaço urbano. Seguindo uma nova tendência de utilizar, em conjunto, documentos literários, arqueológicos, epigráficos e iconográficos nas investigações históricas, esta análise confronta visões literárias àquelas apresentadas em vasos áticos de figuras vermelhas, resultando em uma leitura crítica e inovadora sobre o tema. É verificada uma forte relação entre o sentido da ocupação e da exploração da *khóra* Ática e o seu impacto na construção das bases sociais, políticas, econômicas e ideológicas da *pólis* ateniense. Seria por meio de sua atividade política e econômica que o cidadão tornar-se-ia, pelo menos em nível teórico, livre, independente e apto para agir e intervir nas decisões públicas. Na análise

documental, verificou-se que as informações por meio dos textos diferenciam-se daquelas encontradas nas fontes arqueológicas: enquanto a primeira sugere uma exploração rural homogênea, em virtude da representação ideológica democrática, a segunda permite perceber uma heterogeneidade nos assentamentos rurais. Para compreender essas diferentes informações, Chevitarese analisou as variações geológicas e pluviométricas gregas, tanto do período clássico como da época atual, o que lhe possibilitou verificar como a composição acidentada e pedregosa do solo e as poucas chuvas ocasionavam consideráveis perdas agrícolas, fato que resultou na adoção de estratégias diferenciadas pelos agricultores gregos, atestadas principalmente em fontes epigráficas. A tática reputada como ideal para suavizar os riscos de perdas, reconhecida por todos os agricultores, era o fracionamento das suas terras ao longo do território. Para os cidadãos ricos, a viabilidade desse modo de exploração fragmentado dava-se por meio de casamentos entre membros de famílias ricas, de herança e da compra de terras, o que favorecia aos proprietários fundiários absenteeístas diminuir suas perdas agrícolas, tão comuns na Ática. Essa prática capacitava os agricultores, particularmente os médios e grandes proprietários, a proverem-se dos riscos eminentes da falta de alimentos. Um outro diferencial na exploração agrícola estaria na prática de trabalho adotado. Ao contrário de generalizações apresentadas com frequência acerca do uso constante de escravos por

¹ Doutora em História Cultural pelo IFCH/UNICAMP. Endereço: Rua Antônio Molina, 1- 80, Jd. Marambá. CEP 17030-670 Bauru, SP. Telefone: (14) 230-5560. E-mail: luconde@travernet.com.br.

agricultores atenienses, Chevitarese defende que esse tipo de mão de obra seria comum e largamente utilizado em grandes propriedades, ao menos durante o terceiro século a.C., embora também pudesse ser paralelo ao trabalho assalariado livre, em épocas de safra. Já para as pequenas e médias propriedades, é considerado o emprego de parentes, vizinhos, amigos e trabalhadores assalariados livres, como um contingente significativo de força de trabalho na agricultura da região, pois esses proprietários não dispunham de capitais excedentes para investir e manter escravos ao longo do ano. O direito à propriedade, como uma exclusividade do corpo cívico, impediria a posse da terra por estrangeiros, justificando a reduzida presença de metecos na *khóra* ática. A participação das comunidades rurais na democracia ateniense dar-se-ia por meio da atuação dos indivíduos no *demos*. Essa afirmação constitui-se em uma das novidades do estudo, que salienta esse espaço como um importante veículo para a organização e o exercício da democracia ateniense. A aceção de *demos* como aldeia, significado até então pouco explorado, ao lado de outros como conjunto de cidadãos e povo comum, valoriza-o como o ambiente político de excelência para o desenvolvimento dessa democracia. Chevitarese defende que é em seu interior que o agricultor irá construir as suas relações pessoais, fundamentais para a sua proteção e segurança, tanto no sentido da luta diária estabelecida contra a natureza, como para conter possíveis abusos praticados por cidadãos ricos e poderosos. Ou seja, é pela participação no *demos* que o ateniense adquire a sua cidadania e se torna apto para atuar na *pólis*. Contudo, nos textos antigos do período clássico, é notada uma descrição preconceituosa do espaço rústico, sendo o homem rural caracterizado como grosseiro, ignorante, sem refinamento social, gosto pela política ou pelos costumes da *ásty* (espaço urbano). No confronto entre essas obras literárias e as cenas rurais da cerâmica ática de figuras vermelhas do período

clássico, presentes no *Corpus Vasorum Antiquorum* e pela primeira vez utilizadas sistematicamente por um estudioso, o autor identifica visões antagônicas. A representação literária pessimista é substituída por imagens iconográficas de um ambiente rural repleto de vida, de trocas e de tensões políticas e sociais. Um universo campestre caracterizado pela diversidade de ocupação, de organização dos camponeses, de suas relações com os *dêmoi* (aldeias), com suas propriedades fundiárias e com a própria *ásty*. Essa conotação positiva não o impossibilita, entretanto, de perceber uma drástica redução das cenas envolvendo o mundo rural nas representações iconográficas dos vasos áticos, a partir da segunda metade do século quinto, chegando praticamente a sumir no século seguinte. Para Chevitarese, a construção da imagem negativa do rústico apresentada em obras literárias e de seu gradativo desaparecimento na pintura, deve-se ao fato de Atenas ter assumido um papel de destaque no cenário social, econômico, político e ideológico grego após as guerras púnicas e de sua construção como um império marítimo. A cidade passaria, assim, a adquirir, segundo os olhos dos autores e artistas antigos gregos, uma supremacia sobre o mundo rural, fundamentando a imagem representada ou justificando a sua ausência. É por meio desse extenso e variado conjunto documental que o autor desenvolve uma análise complexa e plural do espaço rural ateniense e da participação na experiência democrática também por aqueles que integravam as comunidades rurais. A riqueza e diversidade apresentadas foram possíveis pelo confronto das fontes literárias com as arqueológicas e pela inquietação do pesquisador em compreender a organização ateniense além da visão estereotipada dos grupos aristocráticos que ocupavam o universo da *ásty*. Trata-se de um inovador estudo da Arqueologia e História rural da Antigüidade no Brasil, que oferece ao público brasileiro a oportunidade de ter um conhecimento mais profundo acerca do tema em uma linguagem clara e estimulante.